

DEUS QUE INCLUI

SÉRIE: I CORÍNTIOS

CÓDIGO: 227024
 TEXTO: I Co 10.14-22
 PRELETOR: Wagner Palmiere
 DATA: 17/10/2004
 MENSAGEM 24

INTRODUÇÃO

Em I Coríntios 10.14- 22, lemos:

Por isso, meus amados irmãos, fujam da idolatria. 15 Estou falando a pessoas sensatas; julguem vocês mesmos o que estou dizendo. 16 O cálice da bênção que abençoamos não é uma participação no sangue de Cristo? E o pão que partimos não é uma participação no corpo de Cristo? 17 Por haver um único pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão. 18 Considerem o povo de Israel: os que comem dos sacrifícios não participam do altar? 19 Portanto, que estou querendo dizer? O sacrifício oferecido a um ídolo é alguma coisa? Ou o ídolo é alguma coisa? 20 Não! Quero dizer que o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. 21 Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. 22 Porventura provocaremos ciúmes do Senhor. Somos mais fortes do que ele?

Uma vez que este texto se inicia com um “por isso”, torna-se fundamental olharmos para todo o contexto no qual Paulo está expondo sua argumentação. Basicamente, Paulo está recordando da história de Israel no deserto, durante o seu período de peregrinação, e de alguns eventos onde Israel objetivamente ofendeu ao Senhor com pecados do tipo imoralidade, idolatria, murmuração e tentar a Deus. Porém, tudo isso está no arcabouço de uma postura de incredulidade e de falta de sujeição aos caminhos que estavam sendo determinados por Deus naqueles momentos. Quando eu era garoto e fui assistir o filme “Os Dez Mandamentos”, saí do cinema com a nítida convicção de que, se eu pudesse presenciar aquilo que o povo de Israel presenciou no deserto, eu nunca teria traído o Senhor. Com o passar dos anos, e me conhecendo melhor, eu pude perceber que eu também trairia o Senhor.

Essa lição é relevante ao mostrar como que Israel, e talvez muitos de nós hoje, se tivéssemos a oportunidade de conviver diariamente com as manifestações sobrenaturais de Deus, pôde dizer não. Um escritor que eu considero ter feito uma abordagem muito interessante desse assunto é Philip Yancey. Em seu livro “Decepcionado com Deus”, ele coloca o seguinte: **“A experiência do extraordinário não produz o amor... a experiência da fé produz o amor...”** Pensando nisso, podemos encarar o problema de Israel pelo seguinte binômio. Por um lado, Deus exigia uma profunda e radical **dependência** dele. Por outro lado, aquele povo estava buscando uma **autonomia** própria, fugindo dos preceitos divinos. Falar sobre dependência de Deus é, basicamente, reconhecer a fraqueza ou impossibilidade humana, e isso é algo que incomoda. Um dos maiores propagadores da capacidade de independência humana e da morte de Deus foi um filósofo que viveu no final do século XIX, Nietzsche. Isso pode, à primeira vista, parecer algo radical, porém, as escolhas feitas pelo povo de Israel no deserto estavam permeadas desse pensamento: Ele morreu. Entenda que Deus quer levar-nos a uma condição de relacionamento com Ele que se baseia não necessariamente em experiências sobrenaturais, mas a uma realidade de fé movida por dependência, que nos predisponha ao amor. Sendo assim, o conhecimento de fatos passados é fundamental para aprendermos com a história e evitarmos incorrer nos mesmos erros.

EXCLUSIVIDADE

Contexto

Esta passagem de I Coríntios permite-nos avaliar uma exigência que esse Deus faz: **para participarmos de uma comunhão profunda e íntima com Deus, precisamos dar a Ele total exclusividade.** O contexto de igreja de Corinto apresentava irmãos que tinham a prática de participarem de cultos pagãos. A motivação daquelas pessoas para irem a esses cultos provinha do

senso de liberdade que elas tinham. Isto é, uma vez que Cristo morreu e eles eram salvos pela graça, não havia problema irem a esses cultos e participarem. Além disso, podiam também pensar que, caso Jeová falhasse em algum aspecto, eles teriam a chance de comerem comidas sacrificadas a ídolos, o que consideravam ser uma garantia de segurança contra demônios específicos.

Fugir da idolatria

No versículo 14, lemos: *Por isso, meus amados irmãos, fujam da idolatria.* A primeira determinação do apóstolo Paulo é para que eles fugissem da idolatria. O sentido desse verbo, nesse versículo, é correr para longe. Era urgente que os coríntios fugissem da idolatria. O sentido mais óbvio da aplicação da palavra “idolatria” é aquilo que entendemos como adoração de alguma imagem ou escultura. Porém, existe um conceito que é um pouco mais profundo. A idolatria se pratica quando nós damos prioridade e devoção a todo e qualquer elemento que é tangível, visível e palpável, que nos conceda segurança e satisfação. É aquele objeto, que pode ser material, uma pessoa, um emprego ou status, no qual nós olhamos e sentimos que é aquilo que garante nossa felicidade. O primeiro mandamento, “não terás outros deuses diante de ti”, pode ser traduzido por não termos ídolos. Já o mandamento que é a suma de todos diz que devemos amar a Deus.

Não ter ídolos é garantir que Deus tenha o lugar adequado em nossas vidas. Se você tem alguém ou algo que é alvo de sua prioridade ou devoção, existe um grande risco disso ser um ídolo. Hoje em dia, nossa sociedade está totalmente vinculada ao valor das imagens. Se a Nike, por exemplo, fizesse todas as suas propagandas apenas pela rádio, com certeza não atingiria o público que atinge. A sociedade de consumo transformou-se numa realidade, no Ocidente, graças à televisão, pois é o meio de comunicação que mais valoriza a imagem. Há pessoas que têm também como ídolo a sua carreira profissional, pois vêm no seu sucesso o motivo de sua felicidade. São muitos os exemplos que poderíamos ver, mas a grande questão é que Paulo nos diz para fugirmos de tudo isso.

Ao invés da idolatria, o Senhor quer levar-nos a uma realidade de relacionamento com ele, que passa por compreendermos a profundidade da comunhão que Deus quer ter conosco. No versículo 15, é dito: *Estou falando a pessoas sensatas; julguem vocês mesmos o que estou dizendo.* Este apelo do apóstolo, para que elas tenham o bom senso de repensar a idolatria, chega até nós. O

quanto você está dominado pela idolatria? É preciso que você avalie sua situação, pois não há ninguém que possa fazê-lo no seu lugar. Julgue, avalie, e esteja sensível aos argumentos que Paulo expõe a partir do versículo 16.

A PARTICIPAÇÃO DESEJADA

Exemplo da ceia

O exemplo que é utilizado é a cerimônia da ceia. Na IBCU, nós celebramos a ceia uma vez por mês. Há algumas igrejas que praticam uma vez por semana; no passado, algumas praticavam diariamente... O que é importante entendermos é que Paulo não está focalizando o ritual da ceia, mas o que ela simboliza. Por isso é que ele retoma, no versículos 16, o cálice e o pão do Senhor, que são referências diretas à morte de Jesus na cruz. Por mais que você possa se impressionar com representações da morte de Jesus, tal como o mais recente filme “Paixão de Cristo”, o valor de Sua morte não é tanto pelo sofrimento físico e sim pela possibilidade de comunhão que Ele conquistou para todos nós. Uma das palavras chaves que podemos aplicar aos ensinamentos de Paulo neste texto é a palavra *koinonia*, que significa *ser parte de, identificar-se, compor, alinhar-se*. A ênfase de Paulo é no fato de que fomos comprados no Senhor Jesus não simplesmente para que tivéssemos um bilhete de passagem para a vida eterna. O que Jesus possibilitou para nós é a possibilidade de usufruirmos de um relacionamento com Ele sem paralelo na história humana. A expectativa do Senhor é, justamente, que nós entendamos a profundidade desse relacionamento.

Koinonia

Se pensarmos em alianças e partidários políticos, sabemos que, quando alguém se alia a um determinado partido, está demonstrando que sua maneira de pensar é diferente de outros partidos. Há alguns meses, estive nos Estados Unidos e tentei discutir política na empresa onde estava. Porém, isso não foi possível, pois quem é republicano não se permite escutar outros pontos de vista, e vice-versa. O que o Senhor quer de nós é algo semelhante, isto é, uma identificação e um alinhamento totais com Ele. Em João 6.53, lemos: *Jesus lhes disse: Eu lhes digo a verdade: Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos.* Logo em seguida, no versículo 56, é dito: *Todo o que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.* Podemos ver aqui

até onde o Senhor Jesus quer ir com o conceito de comer da sua carne e beber do seu sangue. Ele quer muito mais do que uma crença intelectual na morte e ressurreição ou do que uma compreensão teológica do que Ele fez. Isso pode ser o ponto de partida, porém, Ele quer um nível tal de interação que influencie e transforme, dia após dia, nossas vidas. Se nós não formos marcados pela presença inequívoca de Jesus em nossas vidas, nós não desfrutamos da *koinonia* que Ele nos permitiu a partir de sua morte e ressurreição.

Alguns povos asiáticos nativos têm uma determinada prática no rito de passagem do homem, da sua adolescência para o adulto, que é matar um tigre e comer sua carne. Obviamente nem todos conseguem, mas aqueles que conseguem têm uma reputação especial na sua comunidade. Porque? Porque eles acreditam que quando um homem faz isso ele está tomando para si a coragem e a força do tigre. De certa forma, é isso que o Senhor quer que tenhamos: permanecer Nele e desfrutar da Sua influência. Conclusivamente, a idéia de permanecer Nele deve ser possuí-lo. Normalmente, utilizamos a expressão *posseção* para nos referir a possessões malignas. Entretanto, creio que essa também é a intenção de Deus para conosco. Não da forma como os demônios fazem, tirando toda a nossa capacidade de escolha, mas na nossa capacidade de escolha e decisão, ter as nossas vidas na Sua mão.

TRANSPORTE PARA A COLETIVIDADE

Inclusão exclusivista

Essa experiência, ainda que se inicie no conhecimento individual do Senhor, deve ser transportada para a coletividade da igreja do Senhor. Então, uma vez que cada um tem a possibilidade de comunhão com o Senhor Jesus, isso acaba por se refletir em todos aqueles que receberam a obra redentora do Senhor e fazem parte de uma comunidade. Isso é algo que podemos chamar de uma “inclusão exclusivista”. Ou seja, nós somos inclusos neste corpo exclusivamente através de Jesus. Esse pode ser um problema para muitos que não aceitam essa exclusividade. Eu tive um amigo que foi exposto ao Evangelho e o compreendeu, porém me disse o seguinte: *Eu até me tornaria cristão, mas eu acho que a religião de vocês é muito exclusivista. Vocês pregam que só através de Jesus é que alguém pode ser salvo e eu não aceito isso.* Conseqüentemente, ele não se converteu e não foi incluso nessa nova realidade.

Razão da proibição

É preciso também compreender que o Senhor quer nos incluir e não nos democratizar ou dividir. Paulo, ao escrever para os coríntios, se opôs objetivamente contra a participação daqueles cristãos nos cultos e festividades pagãs. O argumento que ele expõe para tal decisão baseia-se na idéia de que essa participação era mais do que uma presença apenas física. No versículo 18, ele apresenta o exemplo de Israel: *Considerem o povo de Israel: os que comem dos sacrifícios não participam do altar?* Paulo utiliza uma cultura que lhes era bastante familiar para mostrar que o que eles estavam fazendo poderia se assemelhar ao próprio erro do povo de Israel. Eles estavam tendo *koinonia* e se identificando com algo que não era o melhor para eles. O grande problema não era, necessariamente, o sacrifício ao ídolo ou a comida, e sim qual era a lógica e estrutura por detrás daquilo tudo. Aqueles cultos tinham demônios envolvidos, esse era o problema. O apóstolo Paulo, ao ir contra a participação dos cristãos de Corinto naqueles cultos, não queria demonstrar autoritarismo ou impor uma nova cultura. O que ele queria era zelar pelo cuidado espiritual daqueles irmãos. É possível que eles não tivessem essa percepção de algo mais profundo existente naqueles cultos que os colocaria em risco.

Isso é um esclarecimento para todos nós, uma vez que, mesmo sem muitas vezes sabermos, estamos expostos a esse tipo de más influências. Pode ser que você se considere uma pessoa sem ídolos convencionais ou sem superstições, como ramalhetes enfeitando a casa, alho atrás da porta, etc. Entretanto, antes de chegar a essa conclusão, reflita um pouco sobre o que João diz em I João 2. 15: *Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.* Certamente ele não está dizendo que não podemos amar os seres humanos que estão no mundo. Ele refere-se sim a uma estrutura pensada e sustentada por Satanás. É possível que nós amemos e nos entreguemos a essa estrutura. Portanto, a idolatria pode estar refletida em nossa vida não porque tenhamos estátuas em casa, e sim porque estamos entregando nossa devoção àquilo ou a alguém que não o Senhor.

REALIDADES MUTUAMENTE EXCLUDENTES

No versículo 21 de nossa passagem de estudo o apóstolo diz: *Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar*

da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. Essas duas realidades são excludentes. O próprio Senhor Jesus falou a esse respeito, como lemos em Mateus 6.24: *Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e a Mamom.* É interessante olharmos para esse termo “Mamom”. Na minha opinião, esta é uma palavra complexa que não trata apenas de dinheiro e sim das divindades de riqueza, bem-estar e fartura. Não é essa nossa lógica hoje em dia? Não são exatamente esses três elementos que nos dão segurança? Precisamos entender que nossa segurança não está no dinheiro, bem-estar ou fartura. Nossa segurança tem que estar no Senhor. Somente a fé, a experiência de viver na expectativa do que Deus fará, pode nos trazer segurança.

Uma vez que não é possível servir a dois senhores, quando isso ocorre, há conseqüências. É a terceira lei da mecânica clássica de Newton: a toda ação corresponde uma reação, de mesma intensidade, mas em sentido contrário. Ou seja, à nossa ação de dividir o nosso coração, ao invés de servir a Deus, corresponde uma reação do Senhor. Deus responde de maneira diferente, dependendo da forma como agimos e das escolhas que fazemos. Deus não é somente um amuleto, uma garantia ou uma figura estática que vai sempre responder com um largo sorriso, independentemente do que estejamos vivenciando.

Paulo é explícito nesse aspecto quando diz, no versículo 22: *Porventura provocaremos o ciúme do Senhor? Somos mais fortes do que ele?* Entenda que, quando nós passamos a dividir nosso centro de devoção, Deus sente ciúmes e age. Ciúme é uma palavra interessante que tem como possibilidade de tradução “levar ao ponto de fervura”. Nós temos esse poder. Apesar de sermos finitos, frágeis e infinitamente menores que Deus, temos a capacidade de levar Deus ao ponto de fervura, ao ciúme. Diferentemente do povo de Israel, não podemos provar a Deus. Isto é, dando passos e mais passos para ver até onde podemos ir sem atingir o ciúme de Deus. Não é porque você não percebe o juízo de Deus agora que Ele não vai fazer nada.

AVALIE O SEU CORAÇÃO

Se você consegue identificar algo ou alguém do qual não consegue nem imaginar ficar sem, muito provavelmente isso é um ídolo. Se a idéia de perder um

emprego, de perder um ente querido ou de não ter uma roupa ou um carro leva você ao desespero, provavelmente você tem um ídolo. Preste atenção, pois você pode estar cometendo o mesmo erro de Israel ou dos crentes de Corinto. Na parábola do semeador, contada por Jesus, há um campo no qual as sementes caíram, começaram a crescer, mas os espinhos vieram e abafaram. Posteriormente, explicando a seus discípulos o que significava a metáfora que ele tinha usado, ele explica que os espinhos eram os cuidados do mundo. Os cuidados do mundo podem estar ocupando lugar em nossas vidas como ídolos e Deus que exclusividade.

Conversando com um amigo sobre este assunto, ele resolveu escrever um texto contrapondo aquele que verdadeiramente adora com um ídólatra:

- Na verdadeira adoração, Deus é o centro, na falsa adoração eu sou o centro.
- Na verdadeira adoração, é o nome de Deus que é exaltado, na idolatria é o meu nome.
- Na verdadeira adoração, eu sou “queimado”, consumido, na falsa adoração eu consumo.
- Na verdadeira adoração, o importante é que Deus se agrade, na falsa adoração eu preciso ser agradado.
- Na verdadeira adoração, é a imagem de Deus que fica em evidência, na falsa adoração é a minha.
- Na verdadeira adoração, eu sirvo, na idolatria eu sou servido.
- Na verdadeira adoração, eu me submeto a Deus, na idolatria eu submeto Deus a mim.

Refleta na seguinte questão: se hoje, por algum motivo, você descobrisse que Jesus nunca existiu, isso afetaria, de alguma maneira, a sua vida diária? A resposta sincera a esta pergunta pode levar você a avaliar se você está ou não praticando idolatria.